

LARA, Cecília de — *Nova Cruzada*. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, 1971. 158 págs.

Um dos trabalhos mais importantes que vem sendo realizado pelo Professor José Aderaldo Castello e pela sua equipe de pesquisadores, tanto na Faculdade de Letras, como no Instituto de Estudos Brasileiros, a cuja frente se encontra e cujo setor de publicações dirige, com ele, notável impulso, é a pesquisa em torno de revistas literárias, surgidas do Romantismo para cá, às vezes com duração efêmera, mas sempre constituindo filões magníficos para o conhecimento da mentalidade e das tendências de determinados grupos. Ao prefaciar o primeiro destes trabalhos que adiante se registra —, em torno de *Lanterna Verde*, esboçou o Professor Castello plano de trabalho que, a ser seguido e posto em prática com relações às dezenas de letas de inovações literárias que surgiram pelo País todo, virá contribuir enormemente para o melhor conhecimento de certos aspectos da literatura brasileira, especialmente com relação ao Modernismo, pois a maior parte delas situa-se precisamente nas três primeiras décadas deste século. O presente volume refere-se à revista baiana *Nova Cruzada*, publicada em Salvador de 1901 a 1910, mas que, no caso vertente, foi considerada apenas nos seus dois primeiros anos, num total de nove fascículos. "Situada no primeiro quartel do século atual — lembra o Professor Castello — a revista estudada documenta no centro literário de Salvador a faixa de transição que se caracteriza pelas sobrevivências de tendências de fins do século passado, ao lado de preocupações renovadoras, como antecedentes históricos da reformulação ostensiva a partir de 1922". Cumprimentos ao Professor Castello e à sua equipe de pesquisadores, dos quais muito esperam as pesquisas em torno da história literária do Brasil. — ONM.

NAPOLI, Roselis Oliveira de — *Lanterna Verde*. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, 1970. 168 págs.

O que se disse a propósito da monografia de Cecília Lara, que registramos linhas atrás, vale para este belo estudo em torno do grupo da Sociedade Felipe d'Oliveira que, de 1934 a 1938 e depois de 1943 a 1944, editou o boletim *Lanterna Verde*, assim denominado em homenagem ao título da obra principal do poeta, gaúcho de nascimento, mas tão vinculado à vida literária de São Paulo e do Rio de Janeiro. Lembra a autora que "a heterogeneidade dos assuntos abordados em *Lanterna Verde* impediu que aproveitássemos totalmente o material recolhido, tornando-se necessário selecioná-lo em função dos objetivos que nortearam a concepção do trabalho". A registrar, no prefácio a este volume, o plano de trabalho elaborado para pesquisas desta natureza, pelo Professor José Aderaldo Castello e ao qual já se fez referência em nota anterior. — ONM.

* * *

COLEÇÃO "BRASILIANA" — Notícia dos volumes 223, 228 a 230

VOL. 223 — George Gardner: *Viagens pelo Brasil*. Trad. de Albertino Pinheiro. 1942. 468 págs.

Eis outro importante título da literatura dos grandes viajantes estrangeiros do século XIX. George Gardner, botânico inglês (1812-1849) viajou pelo Brasil de

1838 a 1841. Além de numerosas memórias científicas sobre assuntos de sua especialidade, deixou o livro de viagem *Travels in the interior of Brazil*, publicado em Londres, por Reeve Bros., em 1846. Refere-se às províncias do Norte e aos distritos do ouro e dos diamantes. De seu livro, disse um crítico citado por Alfredo de Carvalho: "Tudo o que Gardner observou no decurso de sua imensa peregrinação é digno de curiosidade e prende a atenção; quer relate as suas aventuras no cimo de serras agrestes, ou no seio de matas virgens; quer descreva os singulares costumes das estranhas gentes que ali encontrou, ou ainda notando casos de menor monta, citando as enfermidades reinantes, as indústrias populares, as produções naturais do país, tudo o que informa é atraente". Ao que o historiador pernambucano acrescenta: "O próprio autor declara, no prefácio, que não deu à luz a sua obra porque a supusesse superior às escritas por outros viajantes sobre determinadas zonas do vastíssimo território brasileiro; mas sim porque continha a descrição de uma grande área do país, do qual ainda não havia notícias. Preocupava-o sobretudo o desejo de traçar um quadro tão verídico quanto possível do aspecto físico e dos produtos naturais das regiões percorridas, juntamente com ligeiras observações sobre o caráter, os hábitos e a condição social das diferentes raças indígenas, ou não, de que se compunha a população das províncias visitadas". É importante observar que, dois anos apenas após publicado, seu livro foi traduzido para o alemão (*Reise in Inneren Brasiliens*, Leipzig, 1848), levando quase cem anos para ser traduzido para a língua do país nele descrito! Embora tenha falecido muito moço (não alcançou quarenta anos), Gardner deixou valiosa bagagem científica e foi diretor do Jardim Botânico da Ilha de Ceilão, onde faleceu. — ONM.

Vol. 228 — Pedro Calmon: O rei do Brasil: a vida de D. João VI. Segunda edição, aumentada. 1943. 324 págs.

Com este volume, continua o historiador balano a série iniciada com "O rei cavaleiro", biografia de Pedro I, à qual já nos referimos. As palavras com que o autor define seu livro, são significativas: D. João "não sal de nosso estudo nem maior nem menor. Limitamo-nos a transformar a sua caricatura deplorável, tão popular nos dois mundos, numa fiel imagem do anafado, esperto e tributado soberano, que reinou até morrer, a despeito de Espanha e França, da mulher endiabrada, de Napoleão, das guerras, das revoluções e das conspiratas, por isso considerado um dos mais hábiles jogadores que outrora jogaram, no tabuleiro da Europa, destino nacionais". A primeira edição desta obra saiu em 1935 pela Editora José Olympio. — ONM.

Vol. 229 — André Thevet: Singularidades da Franca Antártica. Prefácio, tradução e notas de Estevão Pinto. 1944. 502 págs.

Incrível que tivéssemos que esperar quase quatrocentos anos para ter, ao nosso alcance, um dos clássicos da bibliografia estrangeira sobre o Brasil no século XVI. Com efeito, a edição original de *Les Singularitez de la France Antarctique*, foi publicada em Paris, "chez les heritiers de Maurice de la Porte", em 1558. A crítica tem sido muito severa no julgamento dos méritos do livro do famoso companheiro de Villegaignon, talvez porque ele é frequentemente posto em cotejo com o seu compatriota Jean de Léry, que pela mesma época esteve no Brasil e pouco depois publicou seu livro, inegavelmente superior ao de Thevet. Outros escritos do autor tiveram mais divulgação do que as *Singularidades*, tornando André Thevet uma das grandes fontes de informação sobre o Brasil de seu tempo. Seus escritos têm todas